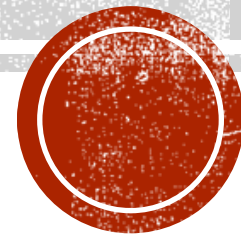


CAP. 1 A PRIMEIRA REPÚBLICA

CAP. 2 COTIDIANO E CULTURA NA PRIMEIRA REPÚBLICA

Professora Karen Barros
História



P. 17	Guerra de Canudos	P. 28	A reforma da capital federal
P. 18	Cangaço: uma guerra no sertão	P. 28	A Revolta da Vacina
P. 18	Guerra do Contestado	P. 30	Movimento Operário
P. 19	O tenentismo e a Coluna Prestes	P. 32	A Semana de Arte Moderna
P. 20	A Questão Indígena	P. 33	Revolta da Chibata

SUMÁRIO



CONFLITOS RURAIS NA PRIMEIRA REPÚBLICA

- No início do período republicano, o Brasil era um país tipicamente agrário. Calcula-se que cerca de 70% da população habitava o campo nesse período.
- A maioria dos trabalhadores rurais vivia da pequena lavoura de subsistência em terras que, na maioria das vezes, pertenciam a um grande proprietário.
- Esse cenário contribuiu de forma significativa para a ocorrência de conflitos sociais na zona rural.



GUERRA DE CANUDOS

- Antônio Vicente Mendes Maciel, mais conhecido como Antônio Conselheiro, peregrinou pelo sertão nordestino durante anos pregando mensagens religiosas à população pobre.
- Com o tempo, muitas pessoas juntaram-se a ele e passaram a segui-lo em suas peregrinações.
- Em 1893, o grupo liderado por Antônio Conselheiro se fixou em Canudos, no norte da Bahia.
- O arraial, batizado de Belo Monte, cresceu rapidamente e reuniu muitos sertanejos famintos, sem emprego nem perspectivas de vida, além de pessoas que fugiam das perseguições dos coronéis.



GUERRA DE CANUDOS



- O crescimento de Canudos incomodou proprietários de terras, líderes da Igreja Católica e autoridades políticas, que consideravam a comunidade uma ameaça ao poder dos latifundiários, da Igreja e até mesmo da república recém-instalada.
- Assim, em 1896, o governo da Bahia enviou uma expedição armada para o local. Antes de atingir a região, porém, os soldados foram cercados e desmobilizados pelos conselheiristas.
- No ano seguinte, o governo federal enviou duas outras expedições, que foram novamente derrotadas.
- A população de Canudos não resistiu, porém, à quarta expedição. As forças federais iniciaram o ataque em junho de 1897 e, no início de outubro, tomaram e destruíram o arraial.



CANGAÇO: UMA GUERRA NO SERTÃO

- A formação de bandos armados que percorriam o ser-Esses bandos provavelmente tiveram origem na disputa tão nordestino é muito anterior à Primeira República entre famílias poderosas ou senhores de terras da região no final do século XVIII.
- Os homens que compunham esses grupos, chamados de cangaceiros, eram sustentados por chefes políticos locais.
- Mais tarde, porém, passaram a atuar de maneira independente, atacando fazendas, saqueando o comércio e matando de acordo com suas regras.
- O cangaceiro que se tornou mais famoso foi Virgulino Ferreira da Silva, conhecido como Lampião.
- Seu bando percorreu o sertão do final da década de 1910 até 1938, quando ele e outros cangaceiros foram mortos pela polícia, numa emboscada realizada na Fazenda Angicos, no interior do estado de Sergipe, esconderijo utilizado pelo grupo.



CANGAÇO: UMA GUERRA NO SERTÃO



Perseguido pela polícia, o cangaço perdeu força até desaparecer definitivamente dos sertões nordestinos.

- Embora frequentemente cometessem roubos, pilhagens e assassinatos, os cangaceiros eram muitas vezes vistos como heróis pelos sertanejos, sobretudo por terem coragem de enfrentar a polícia e os coronéis locais.
- O cangaço perdeu força no início da década de 1940. A repressão dos governos se tornou mais eficiente, e a criação de vagas de trabalho nas indústrias do Sudeste absorveu muitos sertanejos que até então encontravam no cangaço um meio de sobrevivência.
- O cangaço é objeto de diferentes interpretações. Alguns historiadores o consideram uma reação rebelde às dificuldades sociais e políticas da região, como a fome, a miséria, a seca e a opressão exercida pelos coronéis, na perspectiva de transformar essa situação. Outros pesquisadores veem os cangaceiros como bandidos, que não tinham nenhum projeto de transformação social e praticavam crimes para sobreviver.



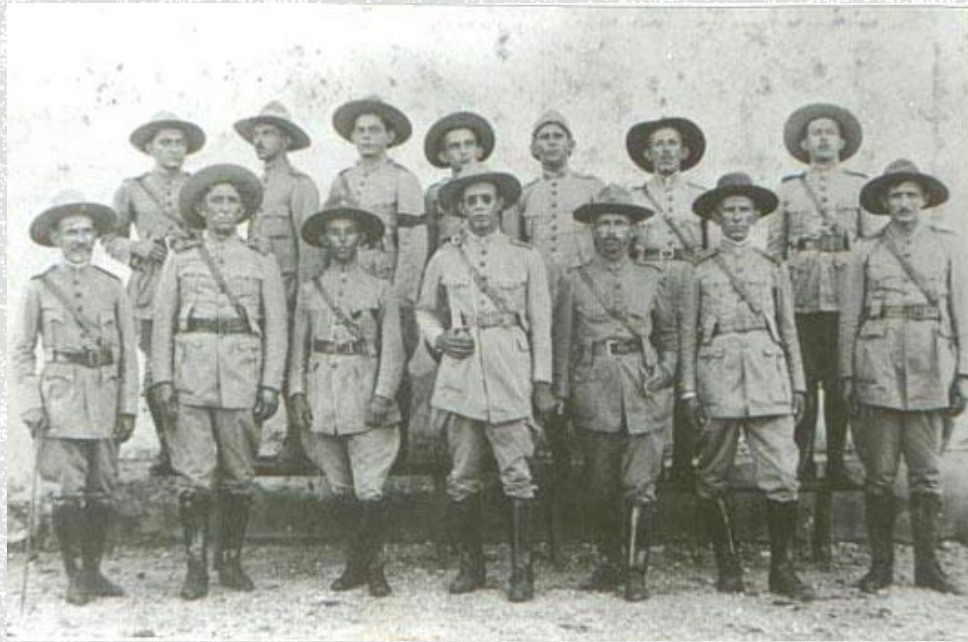
GUERRA DO CONTESTADO



- A Guerra do Contestado (1912-1916) ocorreu na divisa dos estados do Paraná e de Santa Catarina.
- Em 1908, o governo federal, comandado por Afonso Pena, permitiu que empresas estrangeiras se instalassem na região para a construção de uma ferrovia, ligando São Paulo ao Rio Grande do Sul, e para a exploração de madeira. Os pequenos proprietários, que viviam na área havia quase um século, foram expulsos do local.
- Nesse contexto, sobressaiu-se a figura de José Maria de Jesus. Com um discurso de salvação da alma, ele conquistou centenas de pessoas que buscavam melhores condições de vida, inclusive operários que trabalhavam na construção da ferrovia, e organizou uma comunidade igualitária chamada Monarquia Celeste, no centro-sul de Santa Catarina.
- Assim como no caso de Canudos, o crescimento da comunidade alarmou os governos de Santa Catarina e do Paraná. Temerosos de que uma revolta popular explodisse, enviaram tropas para combater o movimento no final de 1912. Nesse confronto, José Maria foi assassinado, mas sua morte não impediu que a luta política e religiosa continuasse. Os rebeldes só foram derrotados em 1916, com a ajuda do governo federal.



O TENENTISMO E A COLUNA PRESTES



Da esquerda para direita:
tenente Eduardo Gomes,
tenente Siqueira Campos,
tenente Newton Prado
civil Otávio Correia.

- A política oligárquica que regia o Brasil incomodou alguns grupos da sociedade, como os jovens oficiais do exército.
- Com o objetivo de moralizar as instituições políticas, eles organizaram uma revolta no dia 5 de julho de 1922, partindo do Forte de Copacabana, no Rio de Janeiro.
- O movimento, porém, foi combatido pelas forças fiéis ao governo.
- A Revolta dos 18 do Forte, como ficou conhecida, deu início a um conjunto de mobilizações militares nos anos 1920: o tenentismo.
- O movimento, no entanto, não foi homogêneo, pois havia muitas divergências entre seus grupos.
- Em 1924, ocorreram outros levantes tenentistas em São Paulo e no Rio Grande do Sul.
- Os participantes desses movimentos defendiam mais participação do exército nas decisões políticas, melhorias na educação pública e no sistema de justiça, criação de uma legislação social, liberdade sindical e de imprensa, eleições livres, voto secreto e reforma tributária.



O TENENTISMO E A COLUNA PRESTES

As duas revoltas foram violentamente reprimidas, mas foi organizado outro movimento: a Coluna Miguel Costa-Prestes, ou simplesmente Coluna Prestes.

Composto de participantes dos levantes paulista e gaúcho e liderado por Luís Carlos Prestes, o movimento escapou da repressão armada nos estados e avançou pelo interior do Brasil.



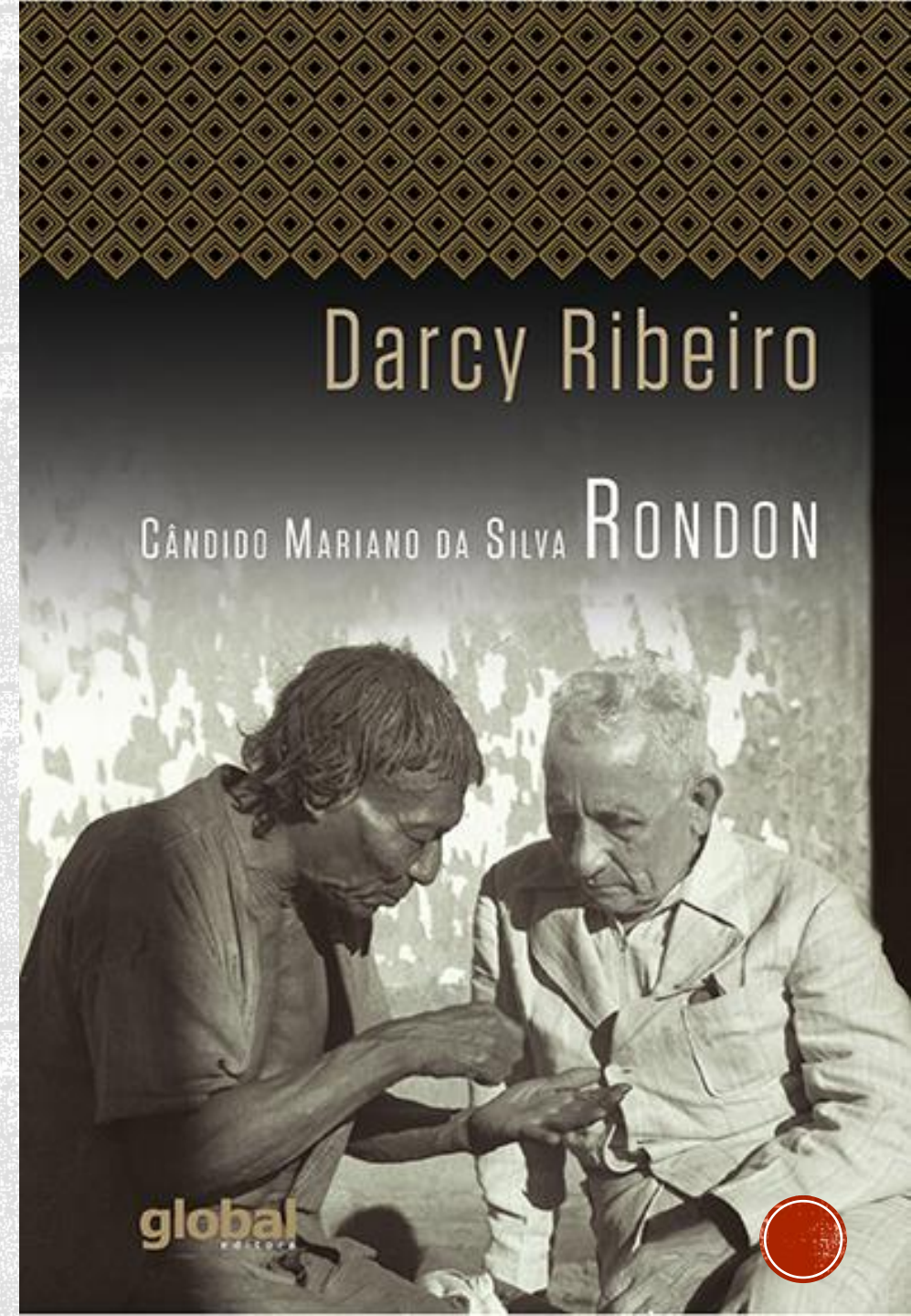
Luís Carlos Prestes

- A Coluna Prestes chegou a reunir cerca de 1.600 pessoas, que percorreram mais de 20 mil quilômetros entre 1924 e 1927.
- Herdeira do tenentismo, seu discurso insistia na crítica ao então governo de Artur Bernardes.
- A Coluna enfrentou tanto as tropas do exército quanto as milícias locais e os bandos armados.
- Em fevereiro de 1927, bastante fragilizada, a Coluna Prestes cruzou a fronteira brasileira com a Bolívia e lá depôs suas armas.



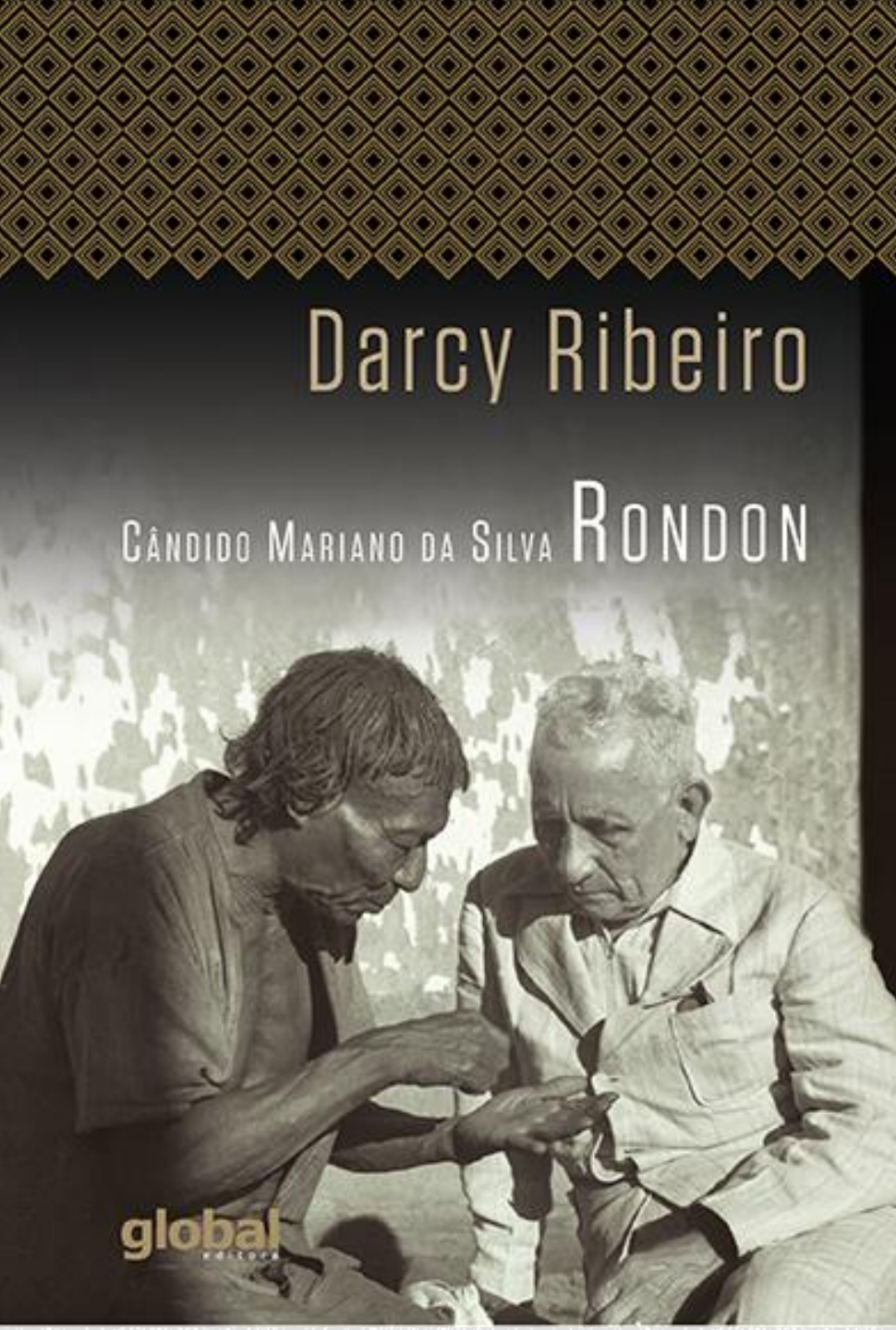
A QUESTÃO INDÍGENA

- No fim dos anos 1890, o coronel Cândido Rondon foi designado a chefiar a construção de linhas telegráficas que estabeleceriam a comunicação entre o Rio de Janeiro e as regiões de fronteira com a Bolívia e o Paraguai.
- Nesse processo, além de fazer o mapeamento geográfico e científico do território, Rondon teceu relações amistosas com alguns povos indígenas, como os Bororo, os Terena e os Quiniquenau.
- Esse contato foi muito importante para a criação de órgãos que atendessem às necessidades dos indígenas. Isso porque, naquele período, muitas comunidades nativas lutavam contra a expansão de empresas construtoras por suas terras.
- Nos confrontos, milhares de indígenas foram mortos, Assim, em 1910, foi criado o Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais (SPILTN), sob a direção de Rondon.



A QUESTÃO INDÍGENA

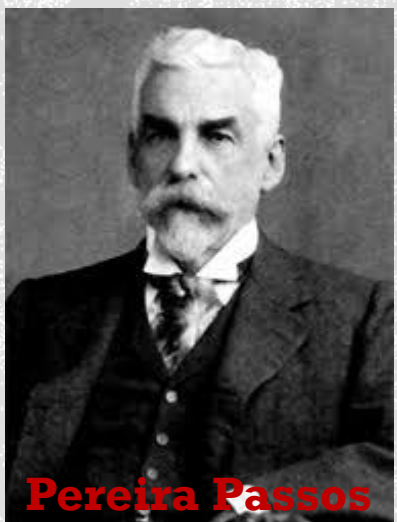
- Em 1918, o órgão passou a se chamar apenas Serviço de Proteção aos Índios (SPI).
- Entre os principais objetivos do SPI, estavam garantir a convivência pacífica com os indígenas, proteger a integridade física desses povos, respeitar suas culturas e reconhecer suas terras. Rondon, no entanto, acreditava que os indígenas eram sujeitos em estado transitório, isto é, que precisavam aprender os costumes "civilizados".
- Dessa forma, mandou criar postos a fim de ensinar diferentes ofícios a adultos e crianças indígenas, contribuindo para alterar seus modos de vida.
- Além disso, permitiu que a terra na qual esses povos viviam fosse usada para fins econômicos e que, nesses casos, os indígenas fossem transferidos para outros locais. Portanto, o SPI, muitas vezes, não respeitou nem protegeu essas populações.



A REFORMA DA CAPITAL FEDERAL



Rodrigues Alves



Pereira Passos

- Em 1902, Rodrigues Alves assumiu a presidência do país. Ele apresentou um plano de modernização da capital federal, o Rio de Janeiro, e incumbiu o prefeito Pereira Passos de realizar as reformas, inspiradas em obras feitas nas grandes capitais europeias, como a abertura de avenidas largas e a criação de praças e jardins.
- Oswaldo Cruz, médico sanitarista e diretor-geral de Saúde Pública, comandou ações de extermínio de vetores de doenças, como ratos e mosquitos. Brigadas sanitárias visitavam as habitações populares e determinavam se elas apresentavam riscos à saúde dos moradores e se deviam ser demolidas.



A REFORMA DA CAPITAL FEDERAL

- Nesse processo, vários cortiços foram derrubados e milhares de pessoas foram obrigadas a buscar outros locais para morar. A expressão "bota-abaixo", usada pelos funcionários que avaliavam as construções e recomendavam sua demolição, tornou-se famosa e temida.
- Essa situação contribuiu para a formação de favelas, pois muitos dos antigos habitantes dos cortiços se alojaram nas encostas dos morros ou na periferia da cidade, em condições ainda mais precárias.
- As reformas feitas na capital federal serviram de modelo para os planos de remodelação urbana de outras cidades brasileiras. Nelas, a elite podia circular pelas praças, jardins e bulevares recém-criados ou reformados, ir ao cinema, frequentar confeitarias e cafés e se atualizar sobre a vida cultural europeia.



A REVOLTA DA VACINA



- Em 1904, Oswaldo Cruz convenceu o Congresso a aprovar uma lei que determinava a vacinação obrigatória contra a varíola.
- Essa medida, aparentemente sensata diante do volume de mortes causadas pela doença, produziu uma crise social em razão do método usado para aplicá-la.
- Uma vez que as brigadas sanitárias tinham autorização para recorrer à força na imunização das pessoas, denúncias de violência circularam pela cidade e instauraram o pânico na população, que desconhecia e temia os efeitos da vacina.
- No dia 9 de novembro de 1904, a Revolta da Vacina, como ficou conhecida, começou no centro do Rio de Janeiro: a população incendiou bondes, arrancou trilhos e entrou em choque com a polícia.
- Alguns políticos e militares, críticos e opositores do governo, tentaram assumir a liderança do levante, mas não foram seguidos pelos insurgentes. O governo desencadeou uma violenta repressão e conteve a agitação.



MOVIMENTO OPERÁRIO



Manifestação operária em comemoração ao Dia do Trabalho, 1919. Rio de Janeiro (RJ). (CPDOC/ Revista da Semana, 10/05/1919)

- Como você estudou, muitos imigrantes deslocaram-se do campo para as cidades com o objetivo de trabalhar nas indústrias e, conseqüentemente buscar a oportunidade de uma vida melhor.
- Porém, nas fábricas brasileiras., as condições de trabalho eram muito precárias.
- Os trabalhadores se sujeitavam a longas jornadas, superiores a dez horas diárias, e recebiam baixos salários.
- Os locais de trabalho, geralmente insalubres, não ofereciam nenhuma segurança.



MOVIMENTO OPERÁRIO

- Se não bastasse essa péssima situação, não havia também uma legislação que lhes oferecesse garantias, visto que podiam ser demitidos a qualquer momento, sem direito a assistência ou indenização, caso sofressem algum acidente.
- As mulheres operárias enfrentavam situações ainda piores, pois recebiam salários inferiores aos dos homens.
- Também estavam sujeitas aos maus-tratos e ao constante assédio sexual. Se engravidassem, não podiam contar com licença-maternidade ou estabilidade no emprego.
- Descontentes com as condições de trabalho, os operários mobilizaram-se e organizaram-se.
- Em 1906, no Rio de Janeiro, ocorreu o Primeiro Congresso Operário Brasileiro, que reuniu trabalhadores de várias partes do país, iniciando a luta pela formação de sindicatos livres e pela jornada de oito horas diárias de trabalho. Por meio de assembleias, os sindicatos definiam as greves e reivindicações, como aumentos de salário e melhores condições de trabalho.



MOVIMENTO OPERÁRIO

➤ De greve de mulheres para greve geral

- A maior onda de greves da Primeira República ocorreu a partir de 1915 e culminou na greve geral de 1917. Em junho daquele ano, mulheres operárias do Cotonificio Crespi, no bairro da Mooca, em São Paulo, cruzaram os braços para pedir aumento de salários e redução da jornada de trabalho, bem como denunciar o assédio que sofriam dos contramestres. O movimento espalhou-se por outros setores e foram realizadas diversas manifestações.
- Em uma delas, ocorrida no dia 9 de julho, o jovem sapateiro e militante anarquista espanhol José Martinez foi morto durante um confronto entre trabalhadores e a polícia. Seu enterro parou a cidade e desencadeou uma onda de protestos. Dias depois, cerca de 70 mil trabalhadores de vários estados entraram em greve.
- As principais reivindicações dos operários eram a jornada de trabalho de oito horas diárias, a liberdade de organização sindical, o aumento de salário, o fim da exploração do trabalho de menores de 14 anos e do trabalho noturno feminino, a libertação de todos os grevistas detidos pela polícia e a garantia de que nenhum operário seria demitido por ter participado da greve.
- Embora não tenham atendido a todas as reivindicações, os patrões aceitaram aumentar os salários e não demitir os grevistas. A greve, então, encerrou-se. Logo após a desmobilização dos trabalhadores, entretanto, vários líderes do movimento foram demitidos e passaram a ser perseguidos.



A SEMANA DE ARTE MODERNA

Artista	Obra	Contribuição
Tarsila do Amaral	Abaporu (1928), A Negra (1923)	Pintura como identidade brasileira
Oswald de Andrade	Manifesto Antropofágico (1928)	Teoria de arte nacional
Mário de Andrade	Macunaíma (1928)	Literatura modernista
Anita Malfatti	O Homem Amarelo (1915-1916)	Pintura expressionista inovadora

- Nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922, um grupo de artistas, escritores e intelectuais brasileiros realizou a Semana de Arte Moderna, no Teatro Municipal de São Paulo.
- A programação do evento incluiu exposições de artes visuais, declamação de poemas, concertos e espetáculos de dança.
- Entre os artistas participantes estavam os escritores Mário de Andrade, Graça Aranha e Oswald de Andrade, o escultor ítalo-brasileiro Victor Brecheret, o compositor Heitor Villa-Lobos e pintoras como Tarsila do Amaral e Anita Malfatti.

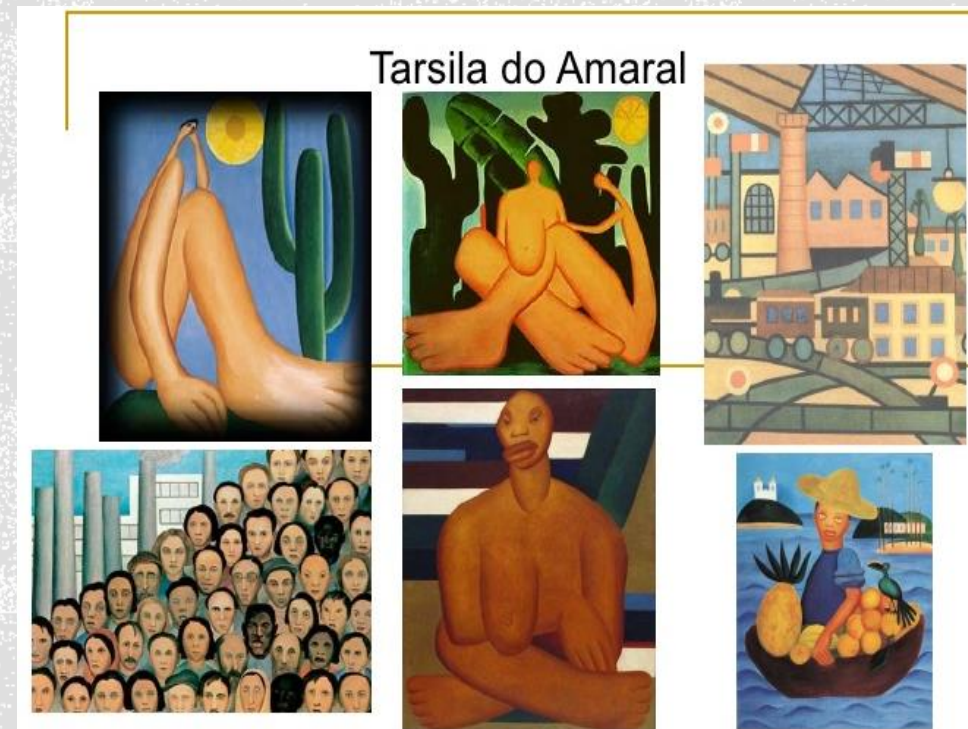


A SEMANA DE ARTE MODERNA

- O objetivo dos participantes da Semana de 1922 era apresentar ao público novas formas de expressão, em busca de uma identidade para a arte brasileira, rompendo com os padrões estéticos acadêmicos importados da Europa, como afirmou Tarsila do Amaral no texto a seguir.

"Encontrei em Minas as cores que adorava em criança. Ensinaaram-me depois que eram feias e caipiras. Segui o ramerrão do gosto apurado... Mas depois vinguei-me da opressão, passando-as para as minhas telas: azul puríssimo, rosa violáceo, amarelo vivo, verde cantante [...]. Pintura limpa, sobretudo, sem medo de canones convencionais. Liberdade e sinceridade, uma certa estilização que adaptava à época moderna."

Apud: DOIN, J. E. de M. As mulheres do Modernismo: Daisy, Zina, Anita, Regina, Tarsila, Olivia e Pagu. In: ANPUH. XXII Simpósio Nacional de História. João Pessoa, 2003. p. 6.
Disponível em: <<http://mod.lk/3tnai>>. Acesso em: 16 maio 2019.



A SEMANA DE ARTE MODERNA



O Homem Amarelo (1915-1916)



A Negra (1923)



Abaporu (1928)



Manifesto Antropofágico (1928)

- Influenciados por movimentos de vanguarda, como o Futurismo, o Cubismo e o Expressionismo, os artistas apresentaram obras em que criticaram a arte brasileira do final do século XIX e valorizaram temas da cultura nacional.
- No Modernismo inaugurado pela Semana de 1922 houve forte participação feminina. Além de artistas, como Tarsila do Amaral e Anita Malfatti, destacou-se a jornalista, poeta e desenhista Patrícia Galvão. Pagu, como era mais conhecida, envolveu-se nas atividades políticas, escrevendo sobre os trabalhadores e a condição de vida das mulheres de seu tempo.



O NEGRO NA PRIMEIRA REPÚBLICA - A REVOLTA DA CHIBATA

- A abolição da escravidão, em 1888, libertou os escravizados, mas não rompeu com a mentalidade escravista e racista da época. Assim, o Brasil entrou no período republicano com uma estrutura social e econômica marcada pela marginalização dos negros.
- Esse impedimento de integração ocorreu, primeiramente, na Constituição de 1891, que concedia o direito ao voto somente aos alfabetizados o que excluiu os ex-escravizados pelo fato de a maioria ser analfabeta.
- No campo educacional, não houve políticas de inserção dos negros nas escolas públicas. Eles conquistaram o direito à educação, mas não foram criadas condições materiais para que usufríssem desse direito.
- Outro fator que marginalizou os negros libertos foi a falta de trabalho: os fazendeiros e os industriais preferiam contratar os imigrantes europeus, afirmando que os negros eram preguiçosos e não confiáveis.
- Sem emprego ou sujeitos aos trabalhos mais precários e mal remunerados, os ex-escravizados foram viver em habitações improvisadas, como cortiços e favelas.



O NEGRO NA PRIMEIRA REPÚBLICA - A REVOLTA DA CHIBATA

- A mentalidade escravista repercutiu também na marinha. Os marinheiros de baixa patente eram, em geral, negros e mestiços. Eles recebiam baixos salários, eram mal alimentados e eram submetidos a castigos físicos, embora essa penalidade fosse proibida.
- Em novembro de 1910, o marinheiro Marcelino Menezes recebeu centenas de chibatadas diante do restante da tripulação.
- Indignados, os marinheiros de dois encouraçados atracados no Rio de Janeiro se rebelaram. Sob a liderança do marinheiro João Cândido, eles assumiram o controle dos navios e exigiram o fim dos castigos corporais na marinha, bem como aumento salarial e melhores condições de trabalho. Caso não fossem atendidos, bombardeariam a capital federal. Iniciava-se, assim, a Revolta da Chibata.
- O então presidente Hermes da Fonseca (1910-1914) aceitou negociar. Os castigos corporais foram proibidos e os rebeldes, anistiados.
- Porém, dois dias após o fim da revolta, os líderes foram presos. Alguns foram fuzilados e outros, deportados para o Acre, sendo forçados a trabalhar na extração do látex.



O marinheiro João Cândido, que commandou o «Minas Geraes» e serviu de almirante a toda esquadra revoltada

ATENÇÃO!

- **Para um estudo completo:**

- ✓ leia o livro
- ✓ faça os exercícios
- ✓ verifique se seu caderno está completo
- ✓ ao faltar a aula, busque o conteúdo aplicado
- ✓ qualquer dúvida, procure sua professora (segundas e quintas, de 7h às 13:20h).

- **Outras opções:**

- ✓ pesquise o conteúdo no Google Imagens para encontrar resumos, tabelas comparativas, mapas mentais.
- ✓ no YouTube, pesquise o conteúdo em canais como:
 - Quer Que Desenhe | Descomplica
 - Débora Aladim

Bons estudos!

